

efeito, o reformador universal sabe, mercê de sua longa prática comercial, que, de vez em quando, é indispensável oferecer a mercadoria por preço mais baixo, e não titubeia em aplicar também esse princípio à oferta da harmonia universal.

Tudo isso, porém, em vão. Os poucos que olham com benevolência sua doutrina e não zombam de Fourier, tratando-o de sonhador e de tolo, estão bem longe de dispor nem que seja duma fração dos oito milhões. Fourier, por sua vez, não pode tomar por sua conta o financiamento da coisa, porquanto não possui senão uma renda anual de novecentos francos.

Dia após dia, durante vinte anos, esse sonhador dum mundo melhor anda subindo e descendo degraus, puxando a campainha às portas dos ricos, dos poderosos e dos notáveis. No fim, já não é senão um homenzinho velho, alquebrado e encanecido que sobe as escadarias de Rothschild ou de Thiers, jamais se cansando, jamais se atrapalhando, cuidando sempre, com o maior desvelo, em esclarecer as vantagens comerciais e sociais que, para os ricos, devem resultar duma especulação de harmonia cósmica bem sucedida.

Depois de ter assim subido e descido um dia inteiro, sacudindo cada vez a cabeça sobre o malôgro de suas tentativas e a tolice do alto-mundo, o pobre homem, ao escurecer recolhe-se à sua mansarda, extenuado, porém nunca completamente desanimado. Lá, após uma frugal refeição, prepara, com nova esperança, dentro do silêncio da noite, a lista das pessoas às quais, no outro dia, pretende submeter, talvez com mais sucesso, seu grande projeto de redenção do mundo.

New-Harmony

O que, até sua morte, não foi facultado ao incansável Fourier — a realização duma colônia organizada consoante os princípios da harmonia, para servir de modelo à humanidade inteira — o Destino, por um misterioso capricho, parece ter querido agraciar ao jovem industrial Roberto Owen, e isso sem dificuldades, sem restrições, com uma facilidade e uma simplicidade fantásticas.

Robert Owen, o dono das fábricas de tecidos de New Lanark, é esse moço feliz, que, ainda há poucos anos, com cem libras de capital, fundara uma empresa próspera e já aos vinte anos de idade está dirigindo uma grande fábrica de fiação de algodão.

Tanto sucesso leva à generosidade e à filantropia. Ao passo que o caixeiro-viajante Fourier havia chegado, por via de suas tristes experiências com a concorrência, à conclusão de que o mundo tinha de ser reformado até as estrélas no alto e até o fundo do mar salgado; no coração de Owen, pelo contrário, é justamente o sentimento de ser tão fácil a gente tornar-se feliz e abastada que acorda o desejo duma reforma geral do mundo. Como ele próprio há chegado à riqueza e à satisfação, todos os outros devem igualmente alegrar-se de sua própria existência.

Desta vez, excepcionalmente, não é um “mal aquinhoado” que pretende reformar o mundo e sim um rico dono de fábrica, transbordando de amor à humanidade, de bom humor e de benevolência, um homem que não pode entrar num salão sem abraçar e beijar com impetuosa cordialidade a todos os presentes. Larga filantropia e inquebrantável otimismo, eis os dois sentimentos que dominam por completo a índole e a conduta de Robert Owen.

Na verdade, por quê é que todos os homens não são felizes, por quê existem no mundo indigência e miséria, mal e fealdade? A esta pergunta, Owen tem uma resposta genuinamente sua, da qual ele deduz sua teoria sobre o modo segundo o qual a condição dos homens na terra pode ser melhorada e a situação se tornar harmônica.